



Ganadaria de Fernando Palha Um Ganadero com a idade do Colete Encarnado

Ao volante do seu todo-o-terreno Fernando Palha conduz-nos por uma visita à sua propriedade e ao seu mundo. Com 82 anos e com destreza na condução mostra-nos de perto os seus toiros, trata-os pelos nomes e conhece cada um pela sua história, nascimento, problemas havidos, riscos (marcas e cicatrizes resultantes de confrontos com outros toiros no campo) e augura-lhes o destino que todo o Ganadero deseja, o sucesso e uma boa saída à praça.

Uma Ganadaria recente mas com muita história

Apesar da atual Ganadaria de Fernando Palha, sedeada na Herdade de Vil Figueiras, só existir desde 2002, resulta de uma história com mais de 50 anos. Tudo começou em 1962 quando o jovem Fernando Palha compra as primeiras vacas e começa desde logo a efetuar uma criteriosa seleção ficando apenas com as melhores, algumas adquiridas a um amigo, outras adquiridas ao seu cunhado David Ribeiro Telles e a outros *ganaderos*, com destaque para as de origem Veragua 3 Palácios.

À época na Herdade situada em Pancas, foi com receio que informou o Pai que tinha comprado gado bravo, mas ao invés da repreensão que esperava recebeu o incentivo para aumentar o efetivo. "Então mas isto não é nada, ao menos arranje umas 30" são palavras que Fernando Palha ainda hoje recorda.

Desde então o negócio foi acontecendo e a ganadaria foi crescendo, sendo que os seus toiros foram lidados em muitas praças

nacionais tendo sido até enviados para Moçambique, Angola e Macau, segundo Fernando Palha por iniciativa de Ludovino Baccatum e Manuel dos Santos.

Com a crescente vontade do seu irmão António em rumar a África, situação impensável para o patriarca da família, Fernando Palha entrega-lhe a administração da ganadaria. Com a morte do pai e a vontade do irmão em vender, Fernando Palha adquire o efetivo e transfere-o para a Quinta da Foz, onde com um novo ferro a ganadaria permanece mais 30 anos. Durante essa época os toiros da ganadaria começam a ser lidados nas praças espanholas e francesas.

O ponto de viragem para a situação atual, deu-se em 2001, quando com quase 70 anos Fernando Palha decide entregar a gestão "aos mais novos" conforme diz. Como a proposta não foi bem acolhida, decidiu adquirir mais uma vez todo o efetivo e transferi-lo para Vil Figueiras, trocando novamente de ferro, pois o ferro da Foz permanece naquela quinta. Neste local Fernando Palha começou de novo, mantendo as cores da anterior divisa da Foz,



o vermelho, ouro e a prata, cada uma com a sua simbologia, a valentia, a fortuna e a glória, acrescentou o ferro com o trevo e a cruz.

Apesar das alterações sofridas na ganadaria e nas diferentes localizações, uma coisa se mantém até à atualidade, a mesma busca pelo apuramento do encaste, que sempre o norteou. Profundo conhecedor das origens e das linhagens, Fernando Palha é perentório “O gado que eu quero criar, enquanto puder é o gado vasquenho, de origem sevilhana, da ganadaria fundada em 1730 por Vicente José Vasquez, posteriormente associada à ganadaria do Duque de Ossuna e Veragua. As diferenças de atitude dos toiros eram tão marcadas que se tornaram um caso raro. Selecionar este tipo de animais é mais uma caturrice e uma paixão que outra coisa. Mas tenho a sorte de mos comprarem”.

Como características diferenciadoras dos seus toiros, para além das mais evidentes, a pelagem malhada em diferentes cores e tonalidades do preto e branco aos castanhos e cinzentos, o *ganadero* destaca o seu porte, a sua investida alta e a sua bravura. Traços que se mantêm das origens e que levam Fernando Palha a confidenciar que “Belmonte, o maior revolucionário do toureio, não toureou nem um toiro deste encaste, pois são toiros que costumam muito a humilhar e não baixam a cabeça”.

Inserida na Sociedade Agrícola de Vil Figueiras, a ganadaria é apenas uma das vertentes do negócio, uma vez que na herdade também são criados cavalos e é produzido arroz, uma forma de garantir a sustentabilidade da empresa e de colmatar o prejuízo, pois segundo diz “é o pior negócio do mundo, porque a bem dizer um dos mais bonitos do grupo que viram foi morto à cornada anteontem, e ao meu cunhado no mesmo grupo para França já morreram 4, repare fica logo a corrida toda destrozada, era capaz de ter uns 10 ou 12 tirados e 4 já marcharam e nem sequer a carne se pode aproveitar.”

Como seu braço direito na condução dos destinos da empresa e no trabalho do dia a dia na herdade tem o seu filho Luís, o futuro, segundo diz mas ao mesmo tempo afirma que este tem mais de agricultor do que de *ganadero* pois tem apenas 50 anos, tem a perspetiva de futuro que já lhe vai faltando e a noção do risco face a situações como as referidas acima.

Tendo em atenção as dificuldades que o País atravessa, que não deixa a Festa Brava incólume, o atual efetivo da ganadaria sofreu um decréscimo, conta com três sementais e algumas dezenas de vacas de ventre localizadas em várias tapadas da herdade. “Fazemos duas ou três corridas por ano é a situação atual” diz, apesar de serem frequentes os prémios e troféus que preenchem as estantes da sua casa e que o enchem de orgulho. Sem nunca esquecer relembra com humildade “eu consigo transformar o significado (dos prémios) em gratidão, porque eu não tenho valor nenhum nisto, quem tem valor foi quem fez, e quem fez não fui eu com certeza, foram os meus anteriores, os meus avós, bisavós, mas no meu subconsciente imediatamente eu transporto

esse mérito, esse valor, esse prêmio, para aquele que fez e que partiu, porque morreram deixaram de fazer e que eu recuperei porque andei à procura e mantenho”.

Um adepto das tradições

Sendo oriundo de uma das famílias mais ligadas à Festa Brava e não estivesse a sua história de vida cruzada com a história do próprio Colete Encarnado, uma vez que tinha apenas três meses de vida quando o seu tio José Van Zeller Palha levou a cabo a 1.ª edição do evento, Fernando Palha considera-se um homem adepto das tradições, em diferentes áreas.

Esse aspeto está bem presente na opinião que emite acerca da Festa “o Colete Encarnado agora já não tem muito a ver com o Colete Encarnado do passado, antigamente os toiros vinham dos campos e eram apartados nas Cortes, tirávamos os toiros para a corrida e eram levados pelos cabrestos e pelos cavaleiros, campinos e marialvas até Vila Franca. Só isso, em que participei imensas vezes, era a paixão. Hoje em dia não acontece nada disso, os toiros são largados de uma camioneta para uma gaiola de madeira, onde se largam depois daí para cima. Tudo aquilo se vivia no campo e que eu vivi, e que posso dizer que represento, pois a primeira grande cornada num cavalo que eu tive foi numa espera num Colete Encarnado. E depois as picarias que se faziam no campo, em campo aberto, onde haviam toiros que fugiam. Eram também os varinos com as suas danças características, os seu fatos característicos e a sua melodia totalmente diferente do fandango, porque elas ao dançarem as saias das varinas parecem as ondas do mar, não tem nada a ver com o nosso fandango mas essa mistura que se fazia no mercado municipal, que aí é que eram os bailaricos, os jantares, porque era muito mais reduzido, era muito mais vivido.”

Apesar disso continua um fiel seguidor das festividades e respondendo à pergunta se colocaria toiros seus numa largada, nos moldes em que estas decorrem na atualidade responde sem hesitações “já tenho pensado imensas vezes falar com os organizadores das esperas para um ano, emprestar até toiros meus para ali, para ver como é que se comportariam, gostava de ver como é que era, pois têm um comportamento diferente dos outros, mais ligeira, mais andamento”.

Outro dos aspetos em que faz questão de fazer cumprir as tradições é na indumentária. Nas corridas o seu maioral traja sempre a rigor com a farda tradicional, uma marca distintiva principalmente nas corridas realizadas no estrangeiro “Há 2 anos mandei uma corrida a Saragoça e no final o último matador cortou as orelhas, foi buscar o maioral à trincheira e deu a volta com ele, foi vestido à portuguesa, porque era português, por conseguinte o fato dele deu um sabor enorme àquela gente que nunca tinham visto um campino de calção e meia, barrete verde, colete encarnado e cinta encarnada para eles foi um deslumbramento, é um bocadinho do meu Portugal lá fora.”

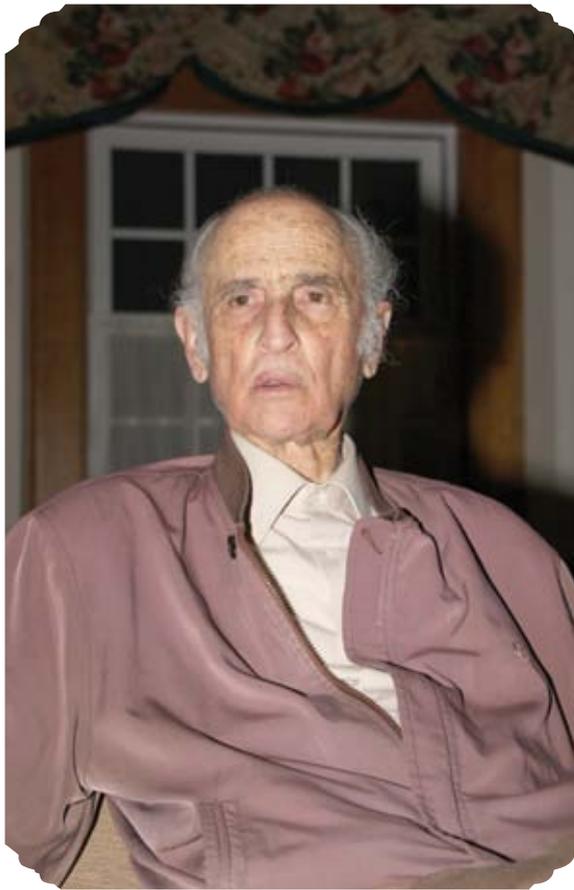


A ganadaria e a festa no futuro

Questionado acerca das perspetivas de futuro da sua ganadaria e da festa no geral Fernando Palha responde “como se diz no campo, uma frase muito engraçada - isso é fiturar, é adivinhar e fiturar é difícil.”

Afirma que com 82 anos vai conduzir a sua ganadaria até conseguir e até Deus deixar, uma vez que esse é o seu gosto, reconhecendo que no momento seguinte caberá aos seus filhos decidir o que fazer, mas apesar das dificuldades sugere um caminho – “estou convencido que será tal como aconteceu em Espanha com muita gente, porque muitos dos *ganaderos* atuais são industriais da construção civil, industriais de sapatos, são empresários de outros setores e têm outro tipo de atividades, têm outro tipo de arroz para conseguir tapar o buraco das finanças deixado pelo toiro.”

Tem esperanças na nova geração de aficionados, onde se incluem alguns dos seus netos, tem esperança que a festa se continue a afirmar através do desempenho dos seus atores, da fundamental atividade das tertúlias na divulgação dos valores tauromáquicos,



do importante papel das autarquias na manutenção das suas raízes e tradições e na contribuição da televisão e das corridas

televisionadas para levar a Festa a toda a gente, angariando assim um maior número de aficionados.

Destaca ainda a atividade da Associação de Ganaderos e da Pró-Toiro que tudo têm feito para combater as posições fundamentalistas e para “desmascarar as mentiras” dos movimentos anti-taurinos, que embora não o assustem já conseguiram impor o fim da Festa Brava na cidade de Viana do Castelo em Portugal e na cidade de Barcelona em Espanha.

Reconhecendo que com o passar dos tempos, terão de haver forçosamente adaptações e alterações, sendo disso um claro exemplo o desenvolvimento do trabalho no campo e com os toiros, com a introdução das viaturas e das novas tecnologias, obrigando a uma maior polivalência de todos, afirma que no seu entender a figura central do Colete Encarnado, o Campino deverá continuar, sempre que possível, a desempenhar a sua função da forma tradicional, aprendendo e partilhando conhecimentos com os mais velhos e experientes “cada coisa em seu sítio”, conclui.

do importante papel das autarquias na manutenção das suas raízes e tradições e na contribuição da televisão e das corridas

Texto Cláudio Lotra
Fotografia Helder Dias

